

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Sexta Maior
Pequeno Auditório
21h00
M/6

3 mai
2024

Divino Sospiro *Della Gloria e Dell'Onore*

Ana Quintans © DR

CCB

Della Gloria e Dell'Onore

Programa

1.ª PARTE

A vanguarda europeia

A Grande Tradição do Barroco Italiano

Giovanni Bononcini (1670–1747)

Ária *Fugge il tempo* da oratória *La conversione di Maddalena* (A.Q.)

O ápice do estilo europeu

Georg Friedrich Händel (1685–1759)

Recitativo *accompagnato* e ária *Pure del cielo – Tu del Ciel ministro eletto* da oratória *Il trionfo del tempo e del disinganno*

A Escola instrumental italiana e a disseminação na Europa

Giuseppe Tartini (1692–1770)

Concerto para Cordas Dó (estreia mundial)

Do Galante às vanguardas do clássico

Johann Adolph Hasse (1699–1783)

Dueto

O estilo reformado

Niccolò Jommelli (1714–1774)

Recitativo *accompagnato* *O come al sonno alletta* da serenata *Endimione* (R.F.)

2.ª PARTE

A prospekta de Portugal

A Escola instrumental italiana e a disseminação na Europa

Carlos Seixas (1704–1742)

Sinfonia em Sol menor

O ápice do estilo italiano

Francisco António de Almeida (c.1702 – 1755?)

Dueto para *Perché soffri i falli miei* da serenata *Ippolito* (A.Q./ R.F.)

Antonio Mazzoni (1717–1785)

Abertura da ópera *Antigono*

Do Galante

Pedro António Avondano (1714–1782)

Ária *Questi al cor* da oratória *Morte d'Abel* (A.Q.)

As vanguardas do clássico

João de Sousa Carvalho (1745–c.1798)

Ária *Se l'interno affanno mio* da ópera *Alcione* (mezzo) (R.F.)

O estilo reformado

Niccolò Jommelli

Recitativo e *Duetto, finale* 1.ª parte, *Tante volte, mio tesoro*,
da serenata *Endimione* (A.Q. / R.F.)

Soprano **Ana Quintans**

Meio-soprano **Rita Filipe**

Direção musical **Massimo Mazzeo**

Divino Sospiro

1.º Violinos

Iskrena Yordanova, Mauro Massa, Ilaria Marvilly, Regina Medina

2.º Violinos

Elisa Bestetti, Gabriele Mazzon, Raquel Cravino

Violas **Nuno Mendes, Lúcio Ferreira**

Violoncelos **Rebeca Ferri, Leonor Sá**

Contrabaixo (a designar)

Alaúde **Francesco Tomasi**

Cravo e órgão **Lucia di Nicola**

Flauta **Catarina Passos**

Oboés **Pedro Castro, José Carvalho**

Fagote **Joana Almeida**

Trompas **Paulo Guerreiro, Henrique Cymbron**

Della Gloria e Dell'Onore

A Corte, graças à cultura da Rainha dos Habsburgos Maria Ana de Áustria, dispunha de uma biblioteca musical cada vez mais extensa e completa, incluindo música francesa, alemã, flamenga e, claro, italiana, a qual muito poucas pessoas tinham acesso. Para além da Rainha, apenas o jovem Carlos Seixas, que cuidava dos assuntos musicais do irmão do rei, e a infanta Maria Bárbara tinham acesso à biblioteca. Desde há alguns dias, só se fala deste senhor Scarlatti. Há quem refira a qualidade da música, tão apreciada por suas majestades, há quem se detenha no estranho comportamento do recém-chegado, uma certa tendência para o silêncio, mas que não deixa espaço para a ansiedade, para os receios. E eis a cidade, aberta num estuário que já é mar, feita de cores cambiantes, de subidas e descidas, de azuis repentinos, turquesas, azuis ultramarinos. Tudo aqui é luminoso e claro, embora envolto em mistério e possível erro. A orquestra, segundo o maestro de Palermo, é desigual; tem bons músicos e outros que fariam estragos até numa banda de província. Mas não toca em nada, porque há um empasto, uma amálgama de pedras que funciona melhor do que alguns diamantes individuais. Domenico Scarlatti tinha chegado em Lisboa e deixará uma saudade da sua mestria, que talvez nunca venha a ser totalmente compreendida. A subida ao trono de D. João V em 1706 marca o início simbólico da entrada de Portugal na Idade Moderna. Dois anos depois, dá-se o seu casamento com a arquiduquesa austríaca Maria Ana I (1683- 1754), filha do imperador Leopoldo I (reinado: 1658- 1705) e irmã dos imperadores José I (reinado: 1705-1711) e Carlos VI (reinado: 1711-1740). Juntos, João e Maria Ana, virão a ser responsáveis por uma profunda mudança cultural no Reino, que se fez sentir de modo muito claro na música. A contratação de Domenico Scarlatti, que chega a Portugal em 1719, sinaliza uma atualização qualitativa do aparato musical da corte, que coloca Lisboa ao nível dos grandes centros musicais europeus da época. Na sequência do avultado investimento na renovação das estruturas musicais da corte e da abertura aos modelos culturais e artísticos europeus, este foi um período de grande vitalidade musical em Portugal, marcado por um diálogo constante com as tendências italianas, que os compositores portugueses absorveram e adaptaram ao contexto

local e à sua própria inspiração. O século XVIII foi um dos períodos mais importantes da história da música portuguesa, durante o qual o poder régio investiu fortemente na produção e interpretação, na importação de repertórios e na formação de intérpretes e compositores. A música tornou-se a base da representação simbólica do poder real, mas também o objeto de uma paixão genuína. Neste contexto, é possível enquadrar a Lisboa setecentista como um dos centros cosmopolitas mais atrativos para a circulação de arquitetos, cenógrafos, maquinistas e músicos (os compositores Domenico Scarlatti, David Perez, Niccolò Jommelli, cantores como os *castrati* Gizziello ou Caffarelli, arquitetos como Juvarra e Bibiena), entre os mais importantes disponíveis nas várias cortes europeias. Era, em simultâneo, uma estratégia de consolidação do novo monarca, interessado em promover as artes e as ciências, inaugurando um período de abertura de Portugal aos modelos culturais e artísticos europeus, mas também pela preocupação de tornar o país mais visível no exterior. Com este programa, a orquestra Divino Sospiro propõe um ponto de vista sobre a produção e circulação da Ópera, da Serenata e da Oratória, possivelmente estes últimos, os dois géneros musicais mais frequentes em Portugal durante o século XVIII, centrando-se no contributo desta nação, e propondo um percurso paralelo, dividido em duas partes, pelas principais etapas de afirmação estético-musical que se desenvolveram na Europa e, em particular, em Portugal, exemplificadas por autores que foram fundamentais na determinação do caminho e da afirmação da linguagem musical do Barroco, para o que viria a ser o estilo Clássico. O resultado é um quadro rico em pontos de contacto, mas não isento de traços de originalidade e extravagância. Um ponto de vista sobre a produção e circulação dos mais elevados modelos estéticos na produção musical europeia, centrando-se nos seus reflexos na produção portuguesa e no seu contributo para a circulação musical da época. Somos confrontados com uma visão da Europa através do filtro desse cosmopolitismo, que sempre foi uma chave de leitura aguda e peculiar na história sociopolítica e cultural de Portugal, e que faz deste país um dos lugares mais identificáveis daquilo a que hoje chamamos a pátria cultural europeia.

G. Bononcini

Ària (Maddalena): Fugge il tempo

Fugge il tempo e seco a volo
Batte i vanni ogni contento.
Resta il pianto e resta solo
Con la colpa il pentimento

G. F. Händel

Recitativo accompagnato e ária (Bellezza): Pure del cielo – Tu del Ciel ministro eletto

Tu del Ciel ministro eletto
Non vedrai più nel mio petto
Voglia infida o vano ardor
E se vissi ingrata a Dio
Tu custode del cor mio
A lui porta il nuovo cor

J. A. Hasse

Dueto: Tu vuoi ch'io viva, o cara (Mandane e Arbace)

Arbace: Tu vuoi ch'io viva, o cara,
ma se mi nieghi amore, cara, mi fai
morir.

Mandane: Oh Dio che pena amara,
ti basti il mio rossore, più non ti
posso dir

Mand: Non parti, parti dagli occhi
miei, lasciami per pietà, quando
finisce o dei la vostra crudeltà.

Arb: Sentimi, tu sei quando finisce o
dei la vostra crudeltà.

Mand: che pena amara più non ti
posso dir, ah! quando finisce o dei la
vostra crudeltà.

6 Arb: Tu vuoi ch'io viva, o cara ma se

mi nieghi amore cara mi fai morir
Mand: o Dio, che pena, non posso,
ti basti, ah, quando finisce o Dei la
vostra crudeltà

Arb: sentimi ah, quando finisce o Dei
la vostra crudeltà la vostra crudeltà.

Se in così gran dolore
d'affanno non si muore
qual pena ucciderà

N. Jommelli

Recitativo accompagnato: O come al sonno alletta, da serenata Endimione

Or che son solo, io posso a mio
talento
Nel mole erboso letto

Dolce posar l'affaticato fianco.
Oh come al sonno alletta
Questa leggiadra auretta:
Deh vieni, amico Sonno,
E dell'onda di lete
Spargendo il ciglio mio,
Tutti immergi i miei sensi in dolce
oblio.
Deh vieni amico Sonno,
E le tue placid'ali,
Solliievo de' mortali,
Distendi, e posa...

F. A. Almeida

*Recitativo (Fedra e Ippolito),
Ma qual di tanto duolo e Dueto,
Perchè soffri i falli miei*

RECITATIVO,

Ma qual di tanto duolo

Ippolito: Ma qual di tanto duolo, è
l'ascosa cagion

Di questi affanni la sorgente non
scorgo

Se non la spieghi o madre

Fedra: Ippolito, deh lascia di più farmi
tal nome.

I mali miei di regnante, e di madre,
Abbattono il decoro, e non danno al
mio cor

Tregua, o ristoro

Ipp: Ancor consenso oscuri, a me ti
fida

Fed: Vorrei dir...ma non oso.

Ipp: Ah, parla ormai

Fed: Dirò tutto il mio mal, dirò che
amai,

Ipp: chi amasti?

Fed: Amai Teseo, già com pudico
amor.

Ma di quel volto in te l'immagine io
veggo:

E non più per Teseo, per te vaneggio

Ipp: Giusti numi del cielo!

E può tant'oltre giungere un'empietà?
Sì rei pensieri può produrre una
mente!

Puote un labbro spiegar!

Fed: Pietà....

Ipp: Ti scosta!

Fed: Suppliche a piedi tuoi ...

Ipp: E pur t'apressi!

Cadi trafitta, e vendicata sai la fe' del
genitor

L'ingiuria mia!

Fed: Ciò bramo,

or de' miei voti partecipe mi fai.

Ferisci, svena questo misero cor!

Ipp: Suspendo il colpo, getto

l'acciaro ancor,

Perche non possi vantar, che
m'espuigni

Vivi, E per pena, il tuo rossor toi basti.

DUETTO

Perchè soffri i falli miei

Fedra: Perchè soffri i falli miei

E potrai negarmi ingrato

Una morte al mio dolor.

Ippolito: E soffrite, o sommi Dei

E lasciate invendicato

Un tal fallo, un tanto error.

Fed: Inumano il capo affretta

Ipp: Non tardate alla vendetta

Ipp: Trafiggete un empio cor

Fed: Deh trafiggi un empio cor

Fed: Deh trafiggi un empio cor

Ipp: Trafiggete un empio cor

Fed: Va crudel ma ti rammenta

Che de' mostri e delle belve

Tu sei mostro assai peggior

Ipp: il mio cor già non paventa

Che nell'orride mie selve

Mostro sia di te peggior

P. A. Avondano

*Ária (Eva): Non sa che sia pietà
da oratoria Morte d'Abel*

Non sa che sia pietà

quel cor che non si spezza

a questo di fiera

spettacolo crudel.

Tutto vacilli il peso della terrena mole
impallidisca il Sole, inorridisca il Ciel.

João de Sousa Carvalho

*Ária (Alcione) : Se l'interno
affanno mio, da ópera Alcione*

Se l'interno affanno mio
Palesar potessi, oh Dio
Ah, dividerti nel seno
Sentiresti appieno il cor.
Agitata ogn'or confusa
Sempre incerto il nuovo passo
Ah faria pietade a un sasso
Questo acerbo mio dolor

N. Jommelli

*Recitativo e Dueto (Diana e
Endimione), finale 1.^a parte,
Tante volte, mio tesoro, da
serenata Endimione*

Tante volte, mio tesoro,
Se ti dissi, io per te moro,
Perché torni a dubitar?
Care labbra, lo rammento:
Ma vorrei, ch'ogni momento
Lo tornaste a replicar.
Sì, mio ben, sol tua son'io.
L'idol mio sola tu sei.
E potendo io non vorrei
Te, mia cara, abbandonar.
E volendo, io non potrei
Te, mio caro, abbandonar.
Sol quel volto è il mio periglio.
Sol quel ciglio il cor m'invola.
Per te solo...
Per te sola...
Io son nata a sospirar



Ana Quintans

Soprano

É licenciada em Escultura e estudou Canto na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional em Lisboa e no Flanders Operastudio em Gent. Iniciou-se profissionalmente em 2005 com *L'incoronazione di Poppea* de Claudio Monteverdi e dedica ainda hoje a maioria do seu trabalho à música dos séculos XVII e XVIII. Nesse âmbito, colabora com as mais conceituadas orquestras da especialidade, com maestros como William Christie, Marc Minkowski, Michel Corboz, Raphael Pichon, Alan Curtis, Vincent Dumestre, Marcello de Lisa, Antonio Florio, Marcos Magalhães, Laurence Cummings, Leonardo G. Alarcón, Enrico Onofri, Ivor Bolton e Maxim Emelyanychev. Gravou vários CD para editoras como a Deutsche Harmonia Mundi, Naxos, Virgin, Mirare, Alpha e Numérica. Destaque para o recital *Canções Ibéricas* e a *Paixão Segundo São Mateus* de J. S. Bach na Fundação Calouste Gulbenkian; *Coronis* de Sebastián Durón no Teatro Real de Madrid; o concerto de Händel e Vivaldi com *Valer Sbadus* na Kölner Philharmonie e o *Requiem*

de João Domingos Bontempo com a Orquestra Sinfónica da Galiza.



Rita Filipe

Meio-soprano

Licenciada em Teatro – Ramo de Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Iniciou os seus estudos musicais aos sete anos no concelho de Mafra. Frequentou o curso de Piano no Conservatório de Música de Mafra. Frequentou o curso de Canto na Escola Artística do Conservatório Nacional com António Wagner Diniz de 2019 a 2022, terminando a disciplina de Canto com nota máxima. Atualmente, Rita estuda Canto Lírico com Chantal Mathias no Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris (França). Em 2019, apresentou-se como solista no *Gloria* de Vivaldi, no Panteão Nacional, e no Convento de Mafra, sob a direção do maestro João Barros. Em 2020, participou como solista na Maratona I – Maratona Ópera XXI, no OperaFest Lisboa, onde teve a oportunidade de estrear obras contemporâneas de compositores portugueses. Colaborou em celebrações com a Banda Sinfónica do Exército. Em

2022, fez parte do espetáculo *Cortes de Júpiter*, no Centro Cultural de Belém, com encenação de Ricardo Neves-Neves, direção musical de António Carrilho e composição de Filipe Raposo. No mesmo ano, interpretou Žofka no ciclo de canções *The Diary of One Who Disappeared*, com o Ensemble MPMP e sob a direção do maestro Jan Wierzb. Rita interpretou e gravou o papel de Lugrezia em *Lo Frate Nnamorato* de Pergolesi com Os Músicos do Tejo. Em dezembro, interpretou Maddalena na ópera *Il viaggio a Reims* de Rossini, com a Orquestra de Câmara Portuguesa sob a direção de Pedro Carneiro. No início de 2023, interpretou Lugrezia em *Lo Frate Nnamorato* de Pergolesi com a Orquestra Barroca de Helsínquia, no auditório Helsinki Musiikkitalo (Finlândia). Em março, fez parte da produção d’Os Músicos do Tejo da *Paixão segundo São João* de Bach, na Aula Magna, sob a direção de Marcos Magalhães. Em abril, fez parte da produção da Orquestra Académica de Lisboa do *Requiem* de Mozart, sob a direção de Tiago Oliveira. Desde 2010 tem feito parte de vários coros, a destacar: Coro Gulbenkian, Nova Era Vocal Ensemble e Ensemble Vocal Aura. Como coralista, participou nas óperas do OperaFest Lisboa – *Tosca* e *Madama Butterfly* de Puccini – onde trabalhou com Olga Roriz, Catarina Molder, Otelio Lapa, Jan Wierzb e Ensemble MPMP. Em 2022, conquistou o segundo lugar no XIII Concurso Nacional de Canto. Tem vindo a participar em diversas *masterclasses* e/ou aulas

particulares com Léa Sarfati, Helene Gjerris, Christian Hilz e Andrea de Carlo.



Massimo Mazzeo

Direção musical

Diplomado pelo Conservatório de Veneza, aperfeiçoou-se, sucessivamente, em viola-d’arco com Bruno Giuranna e Wolfram Christ, e em música de câmara e quarteto de cordas com os membros dos célebres Quarteto Italiano e Quarteto Amadeus. De seguida, fez parte de algumas das mais representativas orquestras do panorama musical italiano dirigidas por ilustres maestros, entre os quais se destacam Leonard Bernstein, Zubin Metha, Carlo Maria Giulini, Yuri Temirkanov, Giuseppe Sinopoli, Georges Prêtre, Lorin Maazel, Valery Gergiev. Na área da música antiga, depois de ter colaborado com agrupamentos e artistas de grande renome em Itália, forma, no ano de 2004, a orquestra barroca Divino Sospiro, que se afirma, num curto espaço de tempo, como uma das orquestras de referência em Portugal. Com este grupo, já se apresentou

em alguns dos mais prestigiados festivais a nível internacional. Massimo Mazzeo dirigiu orquestras em vários festivais, nacionais e estrangeiros, e colaborou com alguns dos solistas mais prestigiados tais como Andreas Scholl, Karina Gauvin, Gemma Bertagnolli, Deborah York, Pedro Burmester, Ana Quintans, Giuliano Carmignola, Angelika Kirschsleger ou Ana Quintas. Dedicou o seu percurso interpretativo à procura de um estilo e de um equilíbrio entre uma visão historicamente informada e uma atitude que olha para a essência da música. Marcantes, neste sentido, foram as interpretações das Sinfonias n.º 4, n.º 1 e da *Canção da Terra* de Gustav Mahler à frente do Mahler Ensemble.

Desde há vários anos colabora com as mais importantes entidades artísticas do país como o Centro Cultural de Belém, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Casa da Música, a Companhia Nacional de Bailado, entre outras. Massimo Mazzeo tem gravado para as editoras BMG, Erato, Harmonia Mundi France, Deutsche Harmonia Mundi, Nuova Era, Movieplay, Naxos, Dynamic, Panclassics e, finalmente, Glossa. É diretor artístico e fundador da orquestra barroca Divino Sospiro e diretor do Centro de Estudos Musicais Setecentistas de Portugal.

Massimo Mazzeo foi agraciado pelo Presidente da República Italiana, Sergio Mattarella, com o título de Cavaliere dell'Ordine della Stella d'Italia pelo trabalho de divulgação das relações culturais entre Portugal e Itália.

Divino Sospiro

Divino Sospiro é um projeto fundado sobre a qualidade e fidelidade da interpretação musical, mas que aborda o repertório antigo sem nunca abdicar do próprio instinto criativo, com o objetivo de despertar um novo gosto estético, uma nova paixão pelo «ouvir», uma reflexão sobre o objetivo da música e dos músicos. Desde a sua criação, a Divino Sospiro percorreu um caminho que, para uma orquestra de câmara, parecia até então impossível em Portugal, participando em alguns dos mais prestigiados festivais e salas de Portugal, incluindo o Centro Cultural de Belém, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Casa da Música, a Companhia Nacional de Bailado, o Teatro Nacional de São Carlos, tendo participado ainda em alguns dos mais prestigiados festivais e auditórios estrangeiros, entre os quais se destacam Philharmonie de Paris, Folle Journée de Nantes (França), Folle Journée au Japon, Festival de Varna (Bulgária), Muzikfest Bremen (Alemanha), Mozartiana Festival em Gdansk (Polónia), Auditório Nacional de Espanha – Madrid, La Valletta Early Music Festival (Malta), Halle Festspiele, Festival d'Ambronay (França), Festival de St. Michel en Thierace, Concerts d'Automne – Tours, Festival Monteverdi de Cremona, Philharmonie Luxembourg, Arsenal de Metz, Metastasio Festival – Byalistok, Festival de Musica Antigua de Úbeda e Baeza, Festival de Música Antigua de Sevilla. Entretanto, foram muitos os registos e gravações deste agrupamento, entre os quais destacamos os realizados pela Radio

France, Antena 2 e RAI. A gravação do seu primeiro CD, para a editora japonesa Nichion, com repertório de W. A. Mozart, mereceu o galardão de *bestseller* naquele país; enquanto a gravação da ópera *Antigono* (estreia mundial absoluta em 2011 no CCB) mereceu 5 Diapason da eminente revista francesa homónima.

A gravação *Passio Iberica* (Panclassics, 2019), dedicada a obras de compositores portugueses e espanhóis, recebeu grande destaque, merecendo, em 2019, as 5 estrelas da revista italiana especializada *Musica*, assim como as duas últimas gravações, *All'Amore Immenso*, com a meio-soprano José Maria Lo Monaco e a oratória *Morte d'Abel* do compositor português Pedro António Avondano, ambas para a prestigiada editora Glossa. Muitos foram também os registos efetuados para o canal Mezzo e para a RTP. «Os Divino», como são chamados os músicos do agrupamento, ocupam hoje um lugar incontornável na vida musical de Portugal, sendo reconhecidos pela entrega, curiosidade e pela forma viva e intensa com que abordam o desafio da interpretação musical historicamente informada. Com a passagem dos anos estes fatores foram-se tornando a imagem de marca do grupo. Atualmente, o repertório da orquestra não se restringe apenas ao período barroco, tendo-se alargado também aos períodos clássico e até romântico, com algumas incursões pela música contemporânea.

A Divino Sospiro teve a colaboração de prestigiados artistas, como Andreas Scholl, Vittorio Ghielmi, Chiara Banchini, Christina Pluhar,

Rinaldo Alessandrini, Céline Scheen, Enrico Onofri, Maria Cristina Kiehr, Alexandrina Pendatchanska, Gemma Bertagnolli, Alfredo Bernardini, Angelika Kirschsleger, Katia e Marielle Labèque, Christophe Coin, Emma Kirkby, Deborah York, Francesca Aspromonte, Ana Quintans, Pedro Burmester, Giuliano Carmignola para citar apenas alguns.

Apostado na internacionalização desde a sua fundação, o agrupamento está na vanguarda da divulgação do património cultural português e dos seus intérpretes, através das suas digressões e participações nos festivais mais importantes. Dos seus compromissos futuros merecem destaque a estreia no festival Musica Mirabilis, uma digressão juntamente com o contratenor Andreas Scholl e a criação de um projeto de grande envergadura dedicado ao barroco, para a cidade de Lisboa. Ao longo de vários anos, a Divino Sospiro recuperou e apresentou grandes obras de música portuguesa setecentista em estreia mundial moderna, como a ópera *Antigono* de Antonio Mazzoni, as oratórias de Pedro António Avondano, *Morte d'Abel* e *Gioas Re di Giuda*, ou as serenatas *L'isola Disabitata*, de David Perez, *Endimione*, de Niccolò Jommelli, *Perseu*, de João de Sousa Carvalho, e *La contesa delle stagioni*, de Domenico Scarlatti. Seguindo a vocação para a recuperação da tradição musical setecentista portuguesa, a Divino Sospiro apresentou-se várias vezes no evento do *Te Deum* inserido na Temporada Gulbenkian Música na véspera do dia de São Silvestre, em colaboração com

o Coro Gulbenkian. Em 2013, a Divino Sospiro criou o Centro de Estudos Musicais Setecentistas de Portugal (DS-CEMSP), em colaboração com a empresa Parques de Sintra – Monte da Lua, no seio da qual, entre 2013 e 2022, tem realizado temporadas de música nos Palácios Nacionais de Queluz, Pena e Sintra, colóquios internacionais, exposições, projetos de formação e sensibilização para a música e as artes, além de ter dado vida a um importante projeto de recuperação do acervo histórico do Palácio, constituído pelo pianoforte Clementi, raríssimo instrumento, magistralmente recuperado em concertos. Não menos importante é de considerar a recuperação do repertório, expressamente ligado à corte portuguesa do século XVIII. Destacam-se as estreias mundiais modernas, nos últimos cinco anos, com obras de D. Perez, N. Jommelli, J. Cordeiro da Silva, J. de Sousa Carvalho e D. Scarlatti. Todas as serenatas recuperadas estão a ser hoje publicadas, em edição crítica realizada por Iskrena Yordanova/ DS-CEMSP, reconstituindo um património de inestimável valor. A Divino Sospiro e o seu Centro de Estudos são hoje membros da REMA, a mais importante rede de referência na Europa sobre música antiga, que reúne membros de 92 instituições culturais em 22 países europeus.

JÁ A SEGUIR
7 JUNHO – CICLO SEXTA MAIOR

Concerto Italiano **Monteverdi: *IV Livro de Madrigais***

O Concerto Italiano, criado por Rinaldo Alessandrini, nasceu em 1984. A sua história sobrepõe-se à história do renascimento da música primitiva em Itália. Monteverdi, Bach e Vivaldi foram os principais compositores sobre os quais o grupo foi capaz de renovar a linguagem da música antiga, revelando completamente um novo aspeto estético e retórico. Após 33 anos, as gravações do Concerto Italiano ainda são consideradas, por críticos e público, versões de referência, refletindo o significado definitivo que o grupo tem sido capaz de dar aos seus esforços e às suas realizações. Neste concerto, ouviremos *IV Livro de Madrigais* de Monteverdi, a cinco vozes, composto em 1603, com textos de Giovanni Battista Guarini, Ridolfo Arlotti, Torquato Tasso, entre outros.

Sex, 21h00

Foyer do Grande Auditório

M/6

Coprodução Centro Cultural de Belém, Instituto Italiano de Cultura de Lisboa

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APOIO MEDIA



COFINANCIADO POR

